

Nome: José Augusto Cereijido Altran

Email: altran@gmail.com

Instituição de Ensino: PUC-SP

Orientador: Luiz Felipe Pondé

A “RACIONALIDADE SOFT” NA EPISTEMOLOGIA DA CONTROVÉRSIA DE
MARCELO DASCAL

Resumo: Sejam quais forem os novos caminhos percorridos pela filosofia na atualidade, e os objetos ou métodos para os quais agora volta os olhos, as grandes mudanças paradigmáticas no fazer acadêmico sempre evocam reviravoltas epistemológicas, maiores ou menores. Mesmo que tais tentativas se justifiquem pela demanda de novos limites conceituais capazes de abarcar os objetos atuais, também não de ser mediadas por rigores que as impeçam de reduzir o olhar do pesquisador a meras anarquias epistemológicas. Parece-nos importante, portanto, investigar as circunstâncias que permitem a emergência de novas e controversas reinterpretações do aparato teórico convencional, bem como entender a dinâmica própria da controvérsia e suas potencialidades.

Emprestando uma metáfora de Leibniz, o epistemólogo e linguista Marcelo Dascal, professor de filosofia da Universidade de Tel Aviv, traz a ideia da “balança da razão”, um hipotético instrumento mensurador de argumentos que seria capaz de inclinar para a verdade. Esta imagem faz-se ilustrativa para compreendermos a busca pela racionalidade “pura” ao longo da história intelectual, notando que, analogamente, “a racionalidade humana se embasa essencialmente em nossa capacidade de *pesagem*” (DASCAL, 2005, p.01). Para a hipotética balança ter o funcionamento adequado, três exigências não de ser garantidas: a *perfeita calibragem da balança*, a *confiabilidade dos pesos* e um *método de pesagem adequado*.

Enquanto a possibilidade desta balança ideal foi defendida pelos racionalistas, também foi severamente criticada pelos céticos: não apenas seria impossível se alcançar esses três requisitos idealmente, como ainda seria necessária outra balança para pesar esta,

a fiscalizar seu equilíbrio, e os resultados ainda estariam sujeitos a uma interpretação de contextualidade não-eliminável. Os defensores da balança esforçam-se para refinar a teoria e reagem contra os céticos, seja recorrendo ao *tu quoque* ou à estratégia de insulação, que “consiste em admitir a validade da crítica cética, enquanto se nega que afete todos os usos da Razão” (DASCAL, 2005, p.06). O embate ainda é revidado: “e o que deveríamos fazer se há áreas que não permitem – por sua própria natureza – formalização?” (DASCAL, 2005, p.08). O ceticismo pirrônico carrega uma crítica ainda mais severa ao instrumento: “ela não permitiria que decidíssemos nada, porque permaneceria em equilíbrio” (DASCAL, 2005, p. 09) - ou seja, sua calibragem e neutralidade culminaria em *isostheneia* (equipolência), e estaríamos fadados à paralisia ou, enfim e ironicamente, a uma arbitrariedade.

A discussão se estende com Leibniz sendo invocado dialogicamente no debate, sem se chegar em consenso algum, senão à sensação de que as tentativas de normatização do conhecimento anseiam uma universalidade desde os primórdios da filosofia. Quanto Platão nos apresenta o diálogo “Teeteto”, é bastante emblemático o fato de que a pergunta “o que é o conhecimento?” permanece não respondida, mesmo com o intermédio da personagem Sócrates ao longo daquelas linhas. A oposição entre o relativismo sofista de Protágoras e os anseios normativistas de filósofos contemporâneos a eles marca uma dicotomia que pode ser interpretada como a matriz de uma série de oposições que a história intelectual veria nos milênios seguintes e que aparentam ser inconciliáveis.

Neste trabalho, tomaremos as publicações de Marcelo Dascal para situar este antigo embate dicotômico entre realismo e relativismo, que associa ao normativismo popperiano e ao descritivismo kuhniano, respectivamente. Segundo ele, toda inovação epistemológica segura e transformadora precisa ter em mente esses pólos, mas também encontrar um meio de integrá-los. Segundo Dascal, até mesmo os grandes saltos científicos não ocorreriam pelo acúmulo quantitativo dos períodos de ciência normal, e nem exatamente no ápice das revoluções, mas em uma linha que os perpassa e por meio de um processo dialógico capaz de manter o pesquisador no segundo mundo popperiano (o mundo do indivíduo histórico e circunstancial, não das ideias absolutas), transitando entre ambos os paradigmas.

Para teorizar o fenômeno, o filósofo formula uma taxonomia que enquadra três tipos de atividades dialógicas discursivas polêmicas: a *discussão* é um debate pacífico interno a um mesmo paradigma, onde os envolvidos buscam resolver um problema

circunscrito, mas vêm-se limitados às soluções que aquele aparato oferece; a *disputa*, por outro lado, envolve pesquisadores de paradigmas opostos, mas que comumente acaba se resumindo a diatribes pessoais em linguagens inconciliáveis; já a *controvérsia* seria uma etapa medial entre as duas, pois opera por um princípio dialógico transparadigmático. Embora seja muito difícil destacar estes três tipos ideais em meio aos complexos e acirrados debates filosóficos e científicos de nosso tempo, Dascal aposta que é esta última instância a que abre o terreno para as renovações seguras de pressupostos que nos acompanharam ao longo da história intelectual.

Afinal, para o filósofo, seria nativa da controvérsia uma espécie de etapa cognitiva que chama de “racionalidade soft”. Esta tangencia tanto os exaustivos rigores metodológicos que, para Dascal, congelariam objetos, quanto a anarquia metodológica de um relativismo exagerado que, enfim, abriria espaço para arbitrariedades e diversos circunstancialismos e preferências pessoais nocivas à produção de conhecimento legítimo. Entretanto, por mais convicto que esteja quanto à relevância do curioso fenômeno, Dascal afirma que esta característica típica das controvérsias ainda é um mistério para a epistemologia. Isso posto, esta apresentação pretende, portanto, apresentar o cenário dicotômico da epistemologia dascaliana, a taxonomia dialógica que propõe, e lançar algumas hipóteses quanto a essa forma de racionalidade que o filósofo coloca como o próprio germen das grandes ideias.

Palavras-chave: Dascal; controvérsia; racionalidade soft; paradigma

DASCAL, Marcelo. Epistemologia, controvérsias e pragmática. *Revista da SBHC*, n. 12, São Paulo, p. 73-98, 1994.

_____. Types of polemics and types of polemical moves. In: CMEJRKOVA, S.; HOFFMANNNOVA, J.; MULLEROVA, O.; SVETLA, J.. *Dialogue Analysis VI (= Proceedings of the 6th Conference, Prague 1996)*, v. 1. Tübingen: Max Niemeyer, p. 15-33, 1998.

_____. The Balance of Reason. In: VANDERVEKEN, D. (ed). *Logic, Thought and Action*. Dordrecht: Springer, p. 27-47, 2005.